

Forma de vida (*Lebensform*): cultura, visão de mundo e linguagem a partir de Wittgenstein¹

Karina da Silva OLIVEIRA²

RESUMO

Dominar uma linguagem constitui conexões entre ações sociais, linguísticas e extralinguísticas, e desta forma a linguagem brota e emerge de todos os âmbitos do comportamento humano. A poética, a filosofia, a política e o comércio, todas estas atividades comuns à humanidade são representadas pela *Lebensform*. O conceito *forma de vida* (*Lebensform*) entra na filosofia de Wittgenstein quando este afirma que o termo **jogos de linguagem** (*Sprachspiele*) pretende salientar a ideia de que o falar da linguagem é parte de uma *forma de vida* (IF; § 23). O texto procura expor o conceito wittgensteiniano de forma de vida - como um conceito cultural, tanto dependente como também determinante da visão de mundo e da linguagem. Também são tecidas considerações sobre o modo de apreender a *Lebensform* pela Filosofia.

Palavras-chave: Forma de vida. Jogos de linguagem. Linguagem.

Wittgenstein faz uso do termo *forma de vida* (*Lebensform*) apenas em seis passagens no decorrer do texto das *Investigações Filosóficas*,³ enfatiza o entrelaçamento entre cultura, visão de mundo e linguagem, esta última busca pelo mundo, assim como o

¹ Artigo resultante de análises do projeto de pesquisa apoiada por Bolsa de Estudos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica PIBIC/CNPq/UNESP.

² Aluno do 4º do curso de Filosofia/Licenciatura, sob orientação da Dr^a Clélia Aparecida Martins, Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP, Marília, São Paulo. karinaoliveira@marilia.unesp.br

³ Obra caracterizada pela segunda fase de Wittgenstein assim com *Caderno Azul* e *Caderno Marrom* que trilham um novo caminho, após o *Tractatus Lógico-Philosophicus* (1921) obra de sua primeira fase. Em 1936 Wittgenstein em direção à Noruega inicia as *Investigações Filosóficas* que têm sua publicação apenas em 1953, posterior à sua morte a 29 de abril de 1951.

mundo objeto pela cultura, e os termos relativos às culturas assumem na obra o que é chamado de lugar de evidência. A necessidade de comunicação entre os homens originou o desenvolvimento da linguagem e foi determinante para o comportamento comum da comunidade, isso é o que caracteriza a *forma de vida*, fundamento necessário a toda linguagem.

Há um fundamento presente já na manifestação da forma de vida humana em que se pode edificar o conhecimento, em que todas as partes do conhecimento podem ser substituídas, desde que a base, que para Wittgenstein é a *Lebensform* representada na linguagem, fique à tona o suficiente para que não nos afundemos. Wittgenstein mostra que o conceito de forma de vida deve ser visto como um todo, que corresponde e serve de base à arte literária, desse modo ele emprega o termo quando o relaciona com a linguagem, e representar uma linguagem significa representar-se uma forma de vida (*Investigações Filosóficas*, § 19).

Segundo as *Investigações* (§ 241), a forma de vida, em sua inserção, é que se fundamentam as competências linguísticas por meio das quais formulamos juízos, verdadeiros ou falsos, mediante a comparação com o mundo e não por acordo de opiniões ou consensos.⁴ E até mesmo a aceitação implícita de um sistema de convenções e também seu uso, que nos possibilita formular proposições a respeito do mundo, igualmente não tem a ver com acordos ou consensos de opiniões, mas com caráter concordante do conjunto de competências linguísticas baseadas numa *Lebensform* na qual seguir regras expressa a inserção prévia no interior do contexto (linguístico) no qual cada um se desenvolve como seguidor autônomo de regras, que, no entanto segue-as cegamente (IF § 219). Seguir uma regra é uma práxis (IF § 202) que,

assim como só entendemos os “significados” das diversas figuras do jogo de xadrez, se conhecemos as regras do jogo de xadrez – portanto, as regras que valem para a movimentação de cada peça – da mesma forma só compreendemos os significados de expressões linguísticas, se aprendemos as regras segundo as quais nos é permitido operar com as expressões nos particulares jogos de linguagem.⁵

⁴ “Assim, pois, você diz que o acordo entre homens decide o que é correto e o que é falso? – Correto e falso é o que os homens *dizem*; e na *linguagem* os homens estão de acordo. Não é um acordo sobre opiniões, mas sobre o modo de vida” (*Investigações Filosóficas*, § 241).

⁵ STEGMÜLLER, W. *A filosofia contemporânea*. [Tradução Edwino A. Royer] Volume 1 São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1976, p.450.

A expressão dos *jogos de linguagem* (*Sprachspiele*) caracteriza a nova imagem da linguagem para Wittgenstein. Nas *Investigações Filosóficas* o *jogo de linguagem* é a unidade entre o uso da língua, a práxis e a interpretação de uma situação, ou seja, tem a ver com a forma de vida. Precisamente por isso o conceito de jogos de linguagem é relevante, por meio dele temos uma volta à linguagem imediata do dia-a-dia. Entre os mais diversos jogos de linguagem possíveis; o que talvez pudesse ser considerado elemento comum seria o uso normativo de símbolos linguísticos num processo de internalização de normas e papéis dentro de outro processo, que é o comunicativo intersubjetivo da interação social. Wittgenstein recusa-se a dar uma definição do que seja jogo de linguagem, pois estaria incorrendo em essencialismo (IF § 65) e isso contradiz a intenção básica da segunda fase de sua filosofia, que elimina o sentido metafísico dado às palavras (IF § 116), não há uma redução dos jogos a uma unidade mítica, mas uma ligação por semelhanças.⁶

Seguindo as mesmas regras ninguém joga do mesmo modo, e isso ocorre analogamente com a linguagem, o que justifica a categoria “jogos de linguagem” (IF § 449), o fato de as regras serem reconhecidas: não significa que sua aplicação decorra de modo mecânico, porque implica reflexão e decisão ao assumir no caso concreto o uso comum.

A linguagem é a categoria suprema pela qual nós representamos a realidade que não se impõe à linguagem e ao humano, pelo contrário, é a linguagem que aprende a realidade e a representa através de suas regras e atribui-lhe sentido por meio de situações de uso e significado que emergem de uma *Lebensform*. Se eu apreendo a realidade através da linguagem e como linguagem, é natural que eu possa atribuir características linguísticas, a toda realidade empírica, contudo trata-se apenas do humano inserido em sua condição cultural e social, que é a condição da relação prática e operativa entre o homem e a

⁶ “Em vez de mostrar o que é comum a tudo o que chamamos linguagem, digo que esses fenômenos não têm, em absoluto, alguma coisa em comum, com base na qual empregamos para todos a mesma palavra, - mas que são aparentados uns com os outros de muitos modos diferentes. E graças a esta parentela, ou a estas parentelas, a todos eles chamamos ‘linguagem’” (*Investigações Filosóficas*, § 65).

realidade. Não há uma descrição pela linguagem dos processos mentais apenas a *forma cultural* pela qual uma pessoa aprende a descrever um conjunto de sensações.⁷

Temos a linguagem como instrumento social, uma práxis, cuja origem e desenvolvimento ocorre para atender as atividades de uma comunidade. Somente na interação entre indivíduos, é que a linguagem adquire função. Seria absurdo falar de uma linguagem suspensa porque toda compreensão se dá no uso da linguagem. Existe um processo de treinamento ininterrupto e em constante modificação; por ele o indivíduo é habilitado a utilizar uma linguagem, é inserido numa tradição de hábitos e costumes sociais, assimilando uma interpretação compatível com a dos demais indivíduos de sua comunidade só quando recorre a estes comportamentos linguísticos adquiridos socialmente. Assim é que ele tem certeza de que se age de acordo com *as regras comportamentais da comunidade*, regras que são ensinadas de modo explícito, que são de um modo particular de descrição da práxis e como tal determinam o modo de agir.

Quanto à práxis, temos nela o único critério para se determinar o modo correto de seguir uma regra para assegurar o significado dos signos. Isso; significa que nada há para ser compreendido (ou dizível) fora das interações comunicativas. Assim o aprendizado de uma linguagem é um treinamento social, todos os conceitos internalizados por meio de uma língua também são conceitos sociais, porque não existe linguagem privada. Aceitar uma linguagem privada implica a dificuldade da prova de conceitos *a priori* (ou seja, teria que se aceitar as idéias inatas e o argumento de que tais idéias são o que determina os comportamentos sociais). A linguagem, por assim dizer, opera sobre limites inexatos, não há um sentido previamente determinado.⁸

Em sua fase inicial, Wittgenstein busca determinar a natureza da representação e daquilo que é representado, o mundo, e o faz estabelecendo a essência de suas formas

⁷ [...] alguém poderia, durante um segundo, sentir amor profundo ou profunda esperança, *não importando* o que precede e o que segue esse segundo? – O que aconteceu agora tem significação – neste meio (*Umgebung*). O meio lhe dá a importância. E as palavras ‘ter esperança’ referem-se a um fenômeno da vida humana. (Uma boca sorridente apenas *sorri* apenas num rosto humano) (*Investigações Filosóficas*, § 315).

⁸ “Ora, ‘inexato’ não significa ‘inútil’. (...) ‘Inexato’ é propriamente uma repreensão e ‘exato’ um elogio. Um ideal de exatidão não está previsto, não sabemos o que devemos nos representar por isso – a menos que você mesmo estabeleça o que deve ser assim chamado. Mas ser-lhe-á difícil encontrar tal determinação; uma que o satisfaça” (*Investigações Filosóficas*, § 88).

lógicas, que podem ser descobertas pela aplicação da lógica. Entretanto, essas proposições possuem algo em comum; a forma proposicional geral é a essência das proposições *a priori* para que uma proposição seja considerada como tal. O fato de que podemos aprender outros idiomas também é uma característica da existência da forma proposicional geral, que subjaz e unifica todas as línguas, nas quais vários tipos de proposição se diferenciam quanto a suas formas lógicas, que devem ser descobertas pela aplicação lógica. Nas *Investigações Filosóficas* a lógica mantém-se enquanto investigação fenomenológica.⁹ Para a concepção de *Sprachspiele* -, ela eleva a linguagem ao âmbito da fenomenologia, pois não há nenhum sentido conceitual que possa ser fixado a objetos empíricos e que se mantenha inalterado perenemente. Tal como o humano, os jogos de linguagem são contingentes no mundo empírico e podem sofrer alterações a partir de fatores insondáveis que não podem ser classificados como pertencentes a um outro âmbito. Sobre a forma proposicional geral, agora Wittgenstein entende que, no *Tractatus Lógico-Philosophicus* (1921),¹⁰ ela foi concebida como um estatuto *à priori* que garante a correspondência fiel entre a imagem e um fato, e que valida a teoria da afiguração.

A fórmula em si é uma proposição. Uma variável proposicional, pode ser substituída para encontrarmos uma essência subjacente à linguagem. Não podemos utilizar a linguagem como instrumento para esta empreitada se houver uma essência da linguagem, a qual transcende a linguagem. Como a lógica atomista do *Tractatus* foi refutada como sendo ineficiente, quando utilizamos as proposições não temos como saber se estamos utilizando a proposição certa, os jogos de linguagem não podem determinar uma essência, apenas um uso, é impossível saber o que é linguagem sem dizer nada, sem usá-la.

Para determinar uma essência da linguagem seria necessário buscar outros meios metalinguísticos, e assim não diríamos nada, mas não dizendo nada não podemos dizer o que é a linguagem. Não existe uma essência subjacente à linguagem, por isso a *forma proposicional geral* perde seu estatuto, e cede espaço para uma linguagem multifacetada e por isso mais complexa de ser descrita por alguma forma geral, que varia de acordo com o

⁹ “Nossa investigação não se destina aos fenômenos em si, mas as possibilidades dos fenômenos” (*Investigações Filosóficas*, § 88).

¹⁰ Ao eclodir a Primeira Guerra Mundial, Wittgenstein alistou-se no exército austríaco como voluntário, em meio aos anos de caserna trabalha no *Tractatus Lógico-Philosophicus*, sua obra mais conhecida. Em agosto de 1918, termina-o e retornando à vida civil, publica o *Tractatus*, em 1921, nos *Anais de Filosofia Natural*, com direção de Wilhelm Ostwald (1853-1932).

uso que lhe é empregado, a significação das palavras emana do jogo de linguagem que é utilizado e a consistência dessa linguagem múltipla consiste justamente em sua multiplicidade.¹¹ Isso implica, por sua vez, que toda observação, toda análise dessa multiplicidade é também uma análise *parcial* de determinada forma de vida:

à medida em que vamos tornando claro, para nós próprios, como uma determinada expressão ou determinada locução deve ser empregada numa situação (bem como em que espécie de situação o emprego é permitido), conseguimos pelo menos uma informação parcial a respeito das ‘regras para o uso’ e, pois, a respeito do significado da locução ou da expressão. Este método de sucessivas intuições acerca dos significados, das igualdades de significados e das diferenças de significados é demorado e cansativo.¹²

Ora, falar uma língua é, entre outras coisas, tomar parte em uma atividade guiada por regras (gramaticais), um jogo. Wittgenstein, no *Tractatus*, associava a linguagem a um cálculo e nas *Investigações* sua analogia passa a ser representada por jogos, os jogos de linguagem. Compreender uma língua é algo que envolve o domínio de técnicas relativas à aplicação de regras,

não se pode dizer que: ‘sem linguagem não poderíamos nos entender uns com os outros’, mas sim: ‘sem linguagem não poderíamos influenciar outros homens desta ou daquela maneira, não podemos construir estradas e máquinas’ etc. E também que: ‘sem o uso da fala e da escrita os homens não se podem entender uns com os outros’.¹³

Um padrão de comportamento comunitário introduz de forma a legitimar regras que trazem pressupostos de relações intersubjetivas, as crenças como qualquer proposição depende de certo contexto, expressão de determinada época e cultura. Todavia as inúmeras espécies de jogos de linguagem e as circunstâncias pragmáticas tornam as formas de vida meio possível para compreensão da linguagem a que se serve, determinando critérios de

¹¹ “E a robustez do fio não está no fato de que uma fibra o percorre em toda sua longitude, mas sim em que muitas fibras estão traçadas umas com as outras” (*Investigações Filosóficas*, § 67).

¹² STEGMÜLLER, W. *A filosofia contemporânea*. [Tradução Edwino A. Royer] Volume 1 São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1976, p. 453.

¹³ WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*. [Tradução José Carlos Bruni] São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999 (Edição Os Pensadores), p. 140 - § 491.

convivência sem serem verificáveis a si mesmos; nas formas de vida as idéias são transferidas em ações que deduzem os jogos de linguagem.

“A filosofia é uma luta contra o enfeitamento do nosso entendimento pelos meios da nossa linguagem” (IF, § 109). Um dos fatores do “enfeitamento do nosso entendimento” reside no fato de que muitas vezes usamos as palavras de maneira desconexa e descontextualizada. Representamos a realidade em nosso intelecto e *re-apresentamos* esta realidade mediante a linguagem; aquele que possui um domínio superior da linguagem tem, conseqüentemente, uma melhor compreensão da realidade, a filosofia não deve criar outro idioma. Consoante a isso Wittgenstein aponta que:

a filosofia não deve, de modo algum, tocar no uso efetivo da linguagem; em último caso, pode apenas descrevê-lo. Pois também não pode fundamentá-lo. A filosofia deixa tudo como está.¹⁴

O trabalho do filósofo não é criar uma linguagem nova, mas o de conhecer o que já existe na linguagem para bem empregar este conhecimento. Não é a linguagem que acarreta problemas para a filosofia, mas sua ausência. O mal-entendido da filosofia: é não poder enunciar uma questão que se sabe ser um problema gramatical e de estrutura lógica. Portanto, os mal-entendidos da filosofia podem ser desvendados através da substituição das formas de expressões, analogamente a uma decomposição. “Afastamos mal-entendidos ao tornar nossa expressão mais exata” (IF, § 91). E o adjetivo aqui “exato” não tem significado de “lógico”, mas de “claro”. A filosofia não é uma disciplina cognitiva, mas uma atividade que tem como ideal a noção de clareza (*Klarheit*). Nas *Investigações* “não há nada a elucidar” (IF, § 126), o sentido da clareza se mantém como possível apenas no interior da própria linguagem, a partir da análise da palavra (IF, § 133, 122), sem, contudo ser alcançada pela explicação sistemática.

Trata-se não de uma teorização, de conjecturas ou de explicações, mas da constatação e descrição de fatos linguísticos em diversas formas de vida, aos quais se podem chegar mediante o olhar, que busca a perfeição que está lá, na gramática, à espera de nossa compreensão. Essa perfeição, que se deve buscar para a gramática, não está oculta sob a forma subjacente de uma essência da linguagem, mas se encontra já na ordem

¹⁴ WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*. [Tradução José Carlos Bruni] São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999 (Edição Os Pensadores), p. 56 - § 124.

gramatical, pois todas as frases gramaticais aparentam possuir esta ordem, segundo Wittgenstein:

por um lado, é claro que cada frase e nossa linguagem ‘está em ordem tal como está’... Por outro lado, parece claro que onde há sentido, deve existir ordem perfeita. – Portanto a ordem perfeita deve estar presente também na frase mais vaga.¹⁵

Logo, nas *Investigações Filosóficas* com a noção de clareza (*Klarheit*), não se trata mais de buscar a estrutura última da linguagem, a ordem *a priori* do mundo que a lógica poderia representar. Agora se busca apontar os limites da linguagem, distinguir seus diferentes usos e considerar a variação significativa que cada palavra possui, posto que sempre dependentes de contexto (IF, § 132).

O ideal que buscamos e que será encontrado na realidade é o mesmo ideal que nós mesmos propomos, pois somos nós que representamos a realidade intelectivamente. A impressão que temos de que a realidade é algo objetivo e independente é a mesma sensação que temos de que os olhos não fazem parte da visão porque não os vemos no nosso campo visual: “Não há nenhum lá fora; lá fora falta o ar” (IF, § 103). Mas, se a linguagem por um lado é um empecilho ao nosso conhecimento, por outro ela é a própria condição do nosso conhecimento.

Wittgenstein denomina linguagem a essa unidade entre *elementos linguísticos e modos de comportamento ligados à situação dos parceiros*, aqui se trata de uma linguagem primitiva, cujo fim se esgota na compreensão entre os parceiros, e é por isso que, não obstante ser primitiva, essa linguagem permite uma aproximação da verdadeira dimensão em que a linguagem humana se situa. Wittgenstein supera a concepção tradicional da linguagem, mostrando sua parcialidade em nossa linguagem. Não se trata apenas de designar objetos por meio de palavras: as palavras estão inseridas numa situação global a qual rege seu uso; neste caso, por exemplo, pela relação de objetos que devem ser trazidos, isto significa que a relação específica a objetos resulta da situação da construção em questão, ou seja, a análise da significação das palavras não pode ser feita sem levar em

¹⁵ WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*. [Tradução José Carlos Bruni] São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999 (Edição Os Pensadores), p. 51 - § 98.

consideração o contexto global da vida, no qual elas estão. “Uma causa principal das doenças filosóficas – dieta unilateral: alimentamos nosso pensamento apenas com uma espécie de exemplos” (IF § 593).

A designação, cerne das considerações linguísticas da tradição, não é um jogo de linguagem, mas apenas uma preparação para isso (IF § 26, 49). Temos de saber como manejar, como usar designações para poder aplicá-las. Nós operamos nos diferentes tipos de linguagem com as palavras, mas de acordo com sistemas de regras diversos; a não consideração desses sistemas diversos de regras faz surgir inúmeros problemas, donde, uma das fontes de erro da filosofia: isolar expressões do contexto em que elas surgem, o que significa não compreender toda a dimensão da gramática da linguagem e restringir-se apenas à designação.

As investigações gramaticais verificam se posições filosóficas levam a tais absurdos “o que quero ensinar é: passar de um absurdo não evidente para um evidente” (IF § 464). Tão somente o uso, isto é, o recurso a uma ação ou comportamento permite ajuizar se a compreensão do sentido de uma frase foi obtido ou não (IF § 29). Donde superar os paradoxos que apresenta o paradigma epistemológico clássico da linguagem passa necessariamente por uma prática constituída pelo olhar abrangente sobre o contexto em que se desenvolve a ação linguística, uma ação que é necessariamente pública, dada sua impossibilidade de ser privada. Pelas noções de uso e de treinamento se comprova a impossibilidade da linguagem privada, a maneira de nos reportarmos ao uso das palavras – é o significado delas (porque não há um processo específico que possa ser designado por significado), daí o significado ser uso, estar associado a interação (não há uso solipsístico).

A linguagem é entendida apenas como instrumento secundário do conhecimento humano, o que conhecemos do mundo reflete-se pela utilização de frases da linguagem. Existe uma relação entre linguagem e mundo, realizada mediante o caráter designativo da linguagem: as palavras são significativas na medida mesma em que designam objetos (IF 1, 27, 40), para saber a significação de uma palavra, temos de saber o que é por ela designado. Então perguntamos se as palavras têm sentido porque há objetos que elas designam como as coisas singulares ou essenciais.

Para a tradição a palavra seria a designação, o nome de objetos, e isso, constitui a palavra enquanto palavra, e na tradição a significação das expressões linguísticas são os

objetos designados ou propriamente sua essência. A designação é o ato por meio do qual se faz a ligação entre um ato espiritual e um som físico, o efeito é que tal palavra designa um objeto do mundo, é um quase-batismo do objeto (IF § 38).

A designação e significação enquanto palavra é empregada de modo impróprio. De acordo com Wittgenstein existe uma confusão entre a significação de um nome (*Bedeutung des Namens*) com seu portador quando algum sujeito de nome determinado morre, o que morre é o portador do nome (*Namesträger*) e não o significado do nome. Daí ser possível formar frases em que os portadores dos nomes já tenham desaparecido. Entendemos, com Wittgenstein, que isso mostra a falta de fundamento da teoria tradicional, e a última forma dessa teoria no ocidente é a teoria da *afiguração* elaborada no *Tractatus*.

com isso cai por terra um dos motivos básicos para a aceitação de uma indestrutível substância no mundo cujos elementos seriam as “coisas” simples: quando uma palavra atua na linguagem, não é necessário que o objeto por ela designado seja algo subsistente e imutável. O nome pode ser vazio, o que se dá quando nunca lhe correspondeu algo real.¹⁶

Consideramos que nas *Investigações Filosóficas* a linguagem é ação comunicativa entre sujeitos livres (diferente de processos mecânicos naturais). Nessa acepção de linguagem, as *regras* surgem num processo de interação social, e se distinguem agora das regras gramaticais da linguagem ideal do *Tractatus*, pois estes exprimem simplesmente conexões simbólicas no nível do símbolo puro. Nesse sentido, *as conexões simbólicas da linguagem comum não são puras*, pois só são inteligíveis num contexto de interação no qual a linguagem simbólica pura é também um jogo de linguagem específico e, portanto, *um processo de interação social*, embora em virtude de seu caráter artificial, possam causar a impressão de pureza, isto é, de separação de uma práxis social, e o fato de essas regras não serem regras estritas, como no caso da linguagem ideal, não significa que não tenham sentido.

A linguagem é um instrumento social, uma práxis, cuja origem e desenvolvimento ocorre para atender as atividades da comunidade. Somente na interação entre indivíduos é que a linguagem adquire função, torna-se signo com função, signo com uso, signo capaz de ser empregado em contextos comunicativos. Ter uso é ter significado, a significação de

¹⁶ STEGMÜLLER, W. *A filosofia contemporânea*. [Tradução Edwino A. Royer] Volume 1 São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1976, p.436.

uma palavra é seu uso na linguagem (IF § 43). É absurdo falar de uma linguagem fora do uso ou suspensão, porque toda compreensão se dá no uso da linguagem. Em razão disso, todos os elementos que não pertencem a intersubjetividade são irrelevantes, não pertencem ao processo de compreensão de uma forma de vida.

Referências

STEGMÜLLER, W. *A filosofia contemporânea*. [Tradução Edwino A. Royer] Volume 1 São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1976.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*. [Tradução José Carlos Bruni] São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999 (Edição Os Pensadores).